

***Fake News:* contra-ataque à pós-verdade**

Lorena Ferreira Alves¹

Resumo

Presenciamos em 2018 a vitória da *fake news*, as implicações diante sua atuação nas mídias de comunicação digitais levaram ao discurso de ódio, fascismo e ameaça às minorias, discurso este levantado por uma imposição autoritária que fez uso de falsas mensagens para ganhar uma campanha eleitoral. Trata-se neste artigo como se instaurou nas redes sociais a pós-verdade decorrente das relações guiadas por empatia e governamentalidade algorítmica. A escrita deste artigo está integrada às discussões compartilhadas no #17ART, que teve como tema A Dimensão Política da Arte, e busca ressaltar o diálogo e a arte como formas de contra-ataque à manipulação gerada pela pós-verdade e as características que a sustentam.

Palavras-chave

fake news; pós-verdade; empatia; governamentalidade algorítmica; arte.

Fake News: counterattack to post-truth

Abstract

we witnessed in 2018 the victory of fake news, the implications on their performance in digital communication media led to hate speech, fascism and threatens minorities, speech that raised by an authoritarian imposition that made use of false messages to win a campaign electoral. This article discusses how social media has been established post-truth

arising from relations guided by empathy and governmentality algorithmic. The writing of this article is integrated with the discussions shared in # 17ART, whose theme was The Political Dimension of Art, and seeks to emphasize dialogue and art as forms of counterattack to the manipulation generated by the post-truth and the characteristics that support it.

Keywords

fake news; post-truth; empathy; algorithmic governmentality; art.

O cenário atual da *fake news*

A criação de informações falsas não é de hoje novidade, sua finalidade em manipular opiniões e persuadir de modo massivo um senso de verdade comum constata-se em sua maior agudez nos males históricos, como por exemplo, a Primeira Guerra Mundial iniciada em 1914, a vitória da campanha política de Donald Trump nos EUA em 2016 e de Jair Bolsonaro no Brasil em 2018. O que volta os olhos para a urgência de se discutir e combater à *fake news* na atual conjuntura está na dimensão que ela é capaz de alcançar, o conteúdo viralizado se ampara na administração de divulgações sofisticadas que opera no ciberespaço, onde a passividade em acreditar nas “verdades” construídas por empatia, derivada da experiência de navegação personalizada gerada pela *dataveillance*, o monitoramento de dados massivos de atividades em rede.

Famosos *apps* como *WhatsApp*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, são os principais meios onde a *fake news* circula. Nessas redes sociais a comunicação entre pares exerce a reafirmação de identidades onde conteúdos de textos, imagens, áudios e vídeos adequam-se senão para ecoar o que consideramos como verdade. Muito se observava nas mídias alternativas um espaço que revela a verdade como forma de combate e fuga às empresas jornalísticas e televisivas que mantinham o monopólio da informação. Guillermo Altares bem lembra sobre a desconfiança de verdades ditas em jornais de circulação massiva e conseqüentemente a busca e criação de fontes de informações alternativas: “Essa desconfiança se prolonga até nossos dias, com aqueles que acreditam erroneamente que a imprensa conta mentiras, e que as redes sociais oferecem verdades” (ALTARES, 2018).

É possível perceber que a produção de *fake news* se adequa a interfaces das redes sociais digitais. São conteúdos que contêm informações claras que carregam mensagens alusivas e fáceis de serem interpretadas e captadas rapidamente pelo olhar que acompanha o *feed* de notícias. Sua criação se origina de diversas fontes, do usuário comum a grupos e empresas que ilegalmente criam os conteúdos para fins de persuasão em massa². O domínio de ferramentas de montagem e compartilhamento de imagens generalizada, simplifica o processo de criar e compartilhar mensagens falsas, o que dificulta o rastreamento de sua fonte.

Foram vivenciados exemplos de *fake news* que circularam nas redes sociais durante o período de eleições no Brasil em 2018. Como por exemplo, a manipulação da imagem da candidata à vice-presidência Manuela D’Ávila, que foi produzida com o objetivo de denegrir sua imagem. Na foto original a candidata veste uma camiseta com a palavra “rebele-se!”, enquanto que na *fake news* a palavra foi

modificada para a frase “Jesus é Travesti”. Vide na imagem 1.



Imagem 1. *fake news* criada com a imagem de Manuela D’Ávila. Fonte: <https://twitter.com/ManuelaDavila/media>.

O objetivo desta *fake news* está em profanar a imagem da candidata, apontando um desacato à religião cristã compartilhada por grupos moralistas, em sua grande parte composta por comunidades religiosas que amparam seus ideias em valores morais e de bons costumes, pregando o conceito de família aplicado apenas à identificação de gênero binário, homem e mulher, formando a chamada “família tradicional brasileira”. Posicionar a figura divina de Jesus como um indivíduo travestido, destacando ainda uma imagem de arco-íris, que faz referência direta à comunidade LGBTQ, fere os ideais morais e preconceituosos destes grupos, levantando assim julgamentos de reprovação e ódio sobre a imagem de Manuela D’Ávila.

Podemos constatar que a credibilidade dada às falsas verdades expõe um momento em que busca pela verdade é colocada em segundo plano ou ainda é desconsiderada no ato de ponderação e tomada de decisões políticas e éticas. Não se há mais a busca por fontes confiáveis, a verdade se desprende

dos fatos, estudos históricos e investigação científica para se tornar informação montada, como descreve Marcia Tiburi (2017), a verdade se tornou mercadoria, conveniência, adaptada para cada um.

Em vista de um mundo desacreditado, onde os olhos do indivíduo se cegam às outras formas de vida, experiências e pensamentos que fogem aos seus princípios e opiniões do que considerado como verdadeiro, são erguidos discursos de ódio e intolerância para com o outro distinto. Diante um mundo erguido pelo imediatismo, impaciência, e intolerância, há a urgência de se quebrar a muralha que separa os diálogos dissonantes, onde a guerra iniciada nas redes sociais digitais precisa ser compreendida para se buscar uma reparação do senso de comunidade, convivência e política.

Como a pós-verdade é sustentada?

Para compreender como a *fake news* se tornou informação adotada na biblioteca de referências de verdades convenientes, é importante destacar que ela faz parte do conceito de pós-verdade. Escolhida como a palavra do ano pela *Oxford Dictionaries*³ em 2016, o adjetivo pós-verdade se refere à formação de opiniões em que fatos objetivos são menos influentes do que apelos à emoção e crença pessoal. O termo pós-verdade ganhou destaque ao ser continuamente citado durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos no período em que foi instaurada palavra do ano, por se tornar um termo central de comentários e análise deste contexto, os estudos sobre a pós-verdade vem sendo aprofundados para compreender como são instauradas relações e crenças sociais geradas pelas experiências de comunicação na *web*.

Ao explicar o termo pós-verdade em relação ao pós-modernismo o psicanalista Christian Dunker (2017) diz que o prefixo “pós” aposenta a verda-

de, sendo uma reação negativa, um falso contrário necessário do pós-modernismo em sua busca pelo aprofundamento cultural e político, tal como o debate sobre a modernidade e o sujeito moderno. A pós-verdade se refere, portanto, o oposto de uma análise crítica e aflorada do que devemos acreditar como verdade suas fontes e suas relações de poder, é se deixar locomover por uma predileção de ideias, e não ser aborrecido pela necessidade de rever nossas opiniões, como bem cita Dunker (2017) a fala do personagem Cyfer no filme *Matrix*, “a ignorância é uma benção”.

Todavia a pós-verdade não se refere a uma ingenuidade de se acreditar em tudo que alcança os olhos e ouvidos do internauta. Ela se beneficia muito bem das crenças formalizadas, e são capazes de manipular o conteúdo para afirmar uma inclinação desta ou daquela convicção.

Alguns consideram que o discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão completa da referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições, sem confirmação de fontes. Penso que o fenômeno é mais complexo que isso, pois ele envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira. Não se trata de pedir ao interlocutor que acredite em premissas extraordinárias ou contraintuitivas, mas de explorar preconceitos que o destinatário cultiva e que, gradualmente, nos levam a confirmar conclusões tendenciosas. (DUNKER, 2017, np)

Não é de se espantar que a pós-verdade se aplica em estratégias de disputas políticas, como vistas nas campanhas eleitorais de Donald Trump e

Jair Bolsonaro, em que divulgar mensagens manipuladas e não verídicas sobre partidos e candidatos para públicos alvos propícios a um maior grau de receptibilidade, se torna o caminho mais rápido, injusto e viável de se alcançar a vitória, em que o poder do boato e a audácia da mentira não podem ser subestimados.

As características de relações por empatia presenciada no ciberespaço é conduzida pelo processo de vigilância de dados, as informações pessoais de usuários da rede são processadas por algoritmos e utilizadas como fonte de mediação de conteúdo aos perfis que compartilham preferências em comum. A partir deste processo criam-se relações em bolhas, onde são ocultadas das telas dos *smartphones* e computadores opiniões distintas àquelas experienciadas pelo usuário.

A pós-verdade só se torna eficaz devida capacidade de alcançar grupos que se guiam por concepções afetivas, uma vez em contato com esta informação, tais grupos afirmam suas identidades, independente da veracidade daquilo que é exposto a eles. Na década de oitenta, o sociólogo Michel Maffesoli analisou as características destes agrupamentos afetivos, em seu livro *O Tempo das Tribos*, Maffesoli (2000) descreve uma transição do sujeito moderno em sua característica social pertencente a um grupo estável ao sujeito contemporâneo, este que exerce vários papéis em uma sociabilidade, agrupamento de indivíduos por afetividades em comum sejam elas culturais, sexuais e religiosas. O autor utiliza o termo tribalismo para se referir à sociedade contemporânea que transita de uma organização em massa para formação de microgrupos construídos por proximidade.

Esses microgrupos acabaram por se fortalecer na experiência personalizada de navegação da internet e redes sociais. Mais do que nunca passamos a ser governados pelas informações. O processo de

desvio de uma diversidade de conteúdos para um ambiente de dados antecipados retida do sujeito a oportunidade de análise de diferentes perspectivas e poder de ponderação do que seria melhor para si, o que elimina a subjetivação do indivíduo reduzindo-o em mero perfil mercantilizável, este processo pode ser compreendido por governamentalidade algorítmica discutido por Antoinette Rouvroy e Thomas Berns (2015) ao designar um tipo de racionalidade gerada pela coleta, agregação e análise automatizada de dados massivos (os *big data*) que são ordenados de modo a modelizar, antecipar e afetar comportamentos.

Dessa forma a governamentalidade algorítmica construiu uma barreira entre o sujeito e alteridade, inexistente a obrigação de relacionar para com o dispar, desenvolveu-se uma indiferença com o outro. Fortalecida, esta indiferença encontra na pós-verdade um lugar no discurso de ódio, onde são instigadas as convicções de moral preconceito e violência, de modo a se levantar uma postura autoritária da negação ao outro que não se deixar moldar pelas convicções impostas, este que não deve de forma alguma existir. Estamos assim diante um discurso fascista construído pela pós-verdade.

Em vista destes discursos de ódio pregados durante a campanha política brasileira em 2018, se presenciou uma enraizamento da *fake news* utilizadas como fontes para se defender opiniões carregadas de moralismo e preconceito. O presidente do Brasil Jair Bolsonaro foi autor de diversas *fake news* durante sua campanha, suspeito ainda de se beneficiar de caixa dois, em que empresas apoiaram financeiramente a criação e divulgação de informações falsas que denegrissem a imagem do PT, seu partido rival, via *WhatsApp*⁴. Uma das promessas da candidatura de Jair Bolsonaro foi a liberação do porte e posse de arma aos cidadãos brasileiros, justificada pela promessa de melhoria na segurança pública. Jun-

to à ideia do armamento a imagem do presidente que expõe ameaças de morte, apologia à tortura, estupro, o cultivo de ódio e desrespeito à figura da mulher, negro, homossexual, nordestino e índio, foi suficiente para inflamar com o apoio de suas *fake news*, como por exemplo, o “kit-gay”⁵, a violência de grupos que de alguma forma, também compartilham dos mesmos preconceitos, levantando assim um consenso de aniquilação de minorias (independente da quantidade as minorias se refere aos grupos que se encontram em estado de vulnerabilidade), “o direito de matar sem punição”⁶, convicção esta que se assemelha à ideia de aniquilamento de minorias ocorrida durante o regime nazista.

Mesmo havendo a consciência de que as informações se tratam de *fake-news*, esta já cumpriu seu objetivo, disseminou o ódio contra o partido oposto e criou opiniões fascistas. Em meio a este cenário de violência alimentada pela pós-verdade, foi desenvolvida a obra “*Fake News*” dos artistas Lorena Ferreira, Pralads Sada e Artur Cabral. Trata-se de uma de arte política de contra-ataque, uma arma ruidosa, que detecta informações falsas que circulam nos dispositivos de comunicação, o gesto de captar e multiplicar mensagens persuasivas através do toque do dedo gera consequências mortais. A arma se retroalimenta, ao mesmo tempo em que capta *fake news*, ela é carregada por estas, disparado sua munição nos cidadãos alvo.



Figura 2. *Fake News*. Arma ruidosa: Lorena Ferreira; Pralads Sada; Artur Cabral (2018)



Figura 3. *Fake News*. Arma ruidosa: Lorena Ferreira; Pralads Sada; Artur Cabral (2018)

A obra fez parte da abertura da exposição Em Meio#10, do #17.ART (17º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia). A *Fake News* estava disponível na entrada do museu, a posse da arma estava liberada ao público⁷. Junto ao gesto de mirar e atirar *fake news*, ocorre a experiência sonora de ruídos gerados pelo circuito da arma. A *Fake News* possui um amplificador de campo eletromagnético que capta as ondas eletromagnéticas presentes no local e as converte em sons reproduzidos pelo alto falante posicionado na parte frontal da arma. A arma é sensível ao toque, ela utiliza a energia estática da mão do atirador como parte integrante do circuito, dessa forma o ruído pode ser manipulado de acordo a maneira de portar a arma, que varia conforme os movimentos da mão e dos dedos.

Logo a *Fake News* só alcança sua funcionalidade e finalidade se portada por alguém, os ruídos produzidos expressam o disparo das falsas mensagens e as mortes geradas como consequência. Ao portar a arma o espectador sente seu peso e escolhe o alvo mediante uma mira de *laser*, as consequências dos gestos do disparo de *fake news*, relacionados aos sons de dispositivos de comunicação, foi uma busca de mostrar as ameaças que a campanha do armamento e a persuasão através da pós-verdade poderia resultar em tempos de escolha dos governadores do país.

A urgência do diálogo

Uma alternativa para minimizar os conflitos e intolerância gerados pela pós-verdade nas mídias digitais se encontra no diálogo. Os espaços físicos e virtuais de compartilhamento e convívio com o diverso foram destituídos, a experiência de navegação na internet monitorada e personalizada projeta mundos enquadrados solidificando muros que aprisionam os usuários, enfraquecendo assim o saber lidar com adversidades. Podemos tomar como exemplo o espaço da cidade que se fragmenta em fortalezas bloqueando a entrada de quem mora ao lado:

Ora, a cidade é a matriz da verdade como história compartilhada, da qual se pode dar testemunho de convivência comum. A pós-verdade substitui essa experiência pelos condomínios e compartimentalizações étnicas, e parece perceber que, com a vida digital, alguém pode sentir que está mais próximo simbolicamente do Oriente Médio do que de seu vizinho da frente. (DULKER, 2017, np.)

Além da perda de espaços de convivências entre diversidade de perspectivas, outro obstáculo que

barra o diálogo está na sobrecarga de informação que recebemos. Como discute Marcia Tiburi (2017) a verdade na história da filosofia mais tradicional é um objeto de busca, o diálogo, este, portanto, poderia ser o método dessa busca, mas não temos mais tempo para isso.

Diante a impossibilidade de interpretação das cascatas de informações que recebemos diariamente, a experiência com as mídias digitais pode ser pensada através da famosa frase de McLuhan (1996): “o meio é a mensagem”, o sentido da informação passa para segundo plano, o que importa é a estimulação dos sentidos, as experiências sensitivas que os meios de comunicação proporcionam. Basta excitar os sentidos da visão tato e audição, repetir os gestos de compartilhar conteúdos, postar e receber postagens. Optar por não fazer parte dessa repetição de gestos é optar pela exclusão e o esquecimento, resulta em mover-se para o estado de inexistência, logo que a expressão de identidades, cotidiano, conquistas e popularidade são vividas e reconhecidas através de um perfil digital.

O que ainda nos resta de contato com o outro de acordo com Dulker (2017) está no convívio com pessoas próximas, o corpo que se encontra ao nosso lado, que ainda tem a oportunidade de dizer sobre sua vida, sofrimento e experiências. Mas como dialogar diante sua negação a qual presenciamos? Cotidianamente se observa a morte do diálogo político, não se deve discutir política no jantar ou entre amigos, construiu-se uma repulsa à política, a tudo que envolve este assunto chato e burocrático, bem como escreve Márcia Tiburi (2016, p.29) em sua obra *Como conversar com um facista* “Para destruir o outro é preciso destruir a política. Para destruir a política é preciso destruir o outro”, em que tal destruição guiada pelo ódio ao outro pode ser quebrado através diálogo, “o diálogo é uma prática de não

violência. A violência surge quando o não diálogo entra em cena” (TIBURI, 2016, p.23).

Dessa forma um pensamento antipolítico acaba por excluir o outro, uma ideologia do que poderia ser melhor para todos observando as necessidades individuais, passa a ser o melhor para uma minoria que mantém sua autoridade diante do todo que deve ser adaptar. Assim em uma sociedade que se deixa levar pelo escândalo e ódio da pós-verdade, que espera sempre a solução no outro e não de si mesmo, em uma fuga da responsabilidade de pensar para além de uma convicção moldada e estagnada, se faz urgente quebrar esta brutalidade através de formas de diálogo, em que pode-se sugerir que o método de diálogo deve ser impulsionada no local onde ela menos existe e onde se prolifera a pós-verdade, os meios de comunicação digitais. É preciso desarmar a pós-verdade e a governamentalidade algorítmica, instigar a abertura do diálogo com a mesma energia que se instigou o ódio, para que seja possível abrir brechas de conscientização de democracia, respeito mútuo e humano.

Referências

- ALTARES, Guillermo. A longa história das notícias falsas: utilização política das mentiras começou muito antes das redes sociais, e a construção de outras realidades era uma constante na Grécia antiga. *El País*. Madrid (2018). Acesso em 28 de outubro de 2018.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de comunicação como extensões do homem*. 8º ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? *Revista Eco Pós, Tecnopolíticas e Vigilância*, v. 18, N. 2, 2015.
- TIBURI, Marcia. Pós-verdade, Pós-ética: Uma Reflexão Sobre Delírios, Atos Digitais e Inveja. In: DUNKER, Christian. *Ética e pós-verdade, (Litercultura)*, Editora Dublinense, 2017.
- TIBURI, *Como conversar com um Fascista: Reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro*. 7º ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Notas

- 1 Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade de Brasília. lorenatrack@gmail.com
- 2 Conhecidas como *The Fake News Machine*, as empresas que geram pós-verdades, foram estudadas pela consultoria de segurança cibernética Trend Micro. O estudo encontra-se divulgado na página <https://documents.trendmicro.com/assets/white_papers/wp-fake-news-machine-how-propagandists-abuse-the-internet.pdf> Acesso em 31 de outubro de 2018.
- 3 English Oxford Living Dictionaries. Disponível em: < <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016> > Acesso em 23 out. 18.
- 4 Ver em: Empresas compram pacotes ilegais de envio de mensagens contra o PT no WhatsApp, diz jornal. *El País*. Fonte:<<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/>

[1539873857_405677.html](#)> Acesso em: 31 de outubro de 2018.

- 5 Ver em: Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no 'Jornal Nacional'. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html> Acesso em: 31 de outubro de 2018>.
- 6 Ver em: Porte de arma, Previdência, mentira: as declarações de Bolsonaro analisadas. El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/29/politica/1540850603_327020.html> Acesso em: 31 de outubro de 2018.
- 7 O registro da abertura pode ser consultado no site: <https://vimeo.com/lorenaferreira>